

**PRAÇA SETE, PAMPULHA E SAVASSI: CENTRALIDADES URBANAS  
E MODERNIDADE PERIFÉRICA NA CIDADE DE BELO HORIZONTE**

Marcelo Cedro

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

marcelocedro.pucminas@gmail.com

Este trabalho, apresentado no Simpósio Temático “História e Cidades”, refere-se a uma visão introdutória e panorâmica da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais<sup>1</sup>. A temática desta pesquisa é interpretar as características de deslocamentos das centralidades urbanas da cidade de Belo Horizonte, considerando sua inserção na dinâmica da modernidade periférica, peculiar ao processo de urbanização de diferentes países da América Latina. Para tal intento, foram escolhidos como objetos de análise três áreas dessa cidade, que tem em comum uma forte identidade com diferentes referenciais simbólicos da modernidade: Praça Sete, Pampulha e Savassi. Tais centralidades são espaços emblemáticos, na trajetória de uma urbe que desde a sua construção busca se firmar como moderna, construindo monumentos e configurações simbólicas que incorporam importantes expressões da modernidade tais como inovação estética e dinamismo urbano.

A ideia nuclear que orienta esta pesquisa sugere que as referências simbólicas e materiais da modernidade, ao longo do século XX, deslocaram-se no espaço urbano de Belo Horizonte, ocupando centralidades diferentes da cidade. Nesse sentido, propõem-se os seguintes questionamentos: como a cidade se movimenta em sintonia com a perspectiva de modernidade? Quais foram os principais deslocamentos da centralidade urbana nesse processo?

Esses deslocamentos foram realizados pela ação de diferentes atores sociais e políticos. A Praça Sete e a Pampulha foram construídas por ação deliberada do poder

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi convertida em livro e publicada: CEDRO, Marcelo. **Praça Sete, Pampulha e Savassi: centralidades urbanas e modernidade periférica na cidade de Belo Horizonte**. São Paulo: Annablume, 2016.

público. Já a Savassi, destacou-se a presença de atores privados, em especial de comerciantes e moradores da região. No entanto, em relação a essas três dinâmicas urbanas, não se desconsideram as eventuais inter-relações e permeabilidades entre as duas esferas públicas e privadas.

Novos deslocamentos urbanos, identificados como expressivos do ser moderno, tem sido constantes no cotidiano da capital mineira. Frente à impossibilidade de analisá-los em seu conjunto, foram escolhidos os que mais se destacaram ao longo do século XX, como centralidades simbólicas da modernidade em uma cidade que, ao final do século XIX, nasceu inspirada por ideários modernizadores racionalistas e positivistas. A ideia de formular uma análise macroestrutural acerca do simbolismo da modernidade na capital mineira é uma proposta ousada e desafiadora. Nessa ótica, o desafio aqui é aliar, em um mesmo trabalho, as três centralidades belo-horizontinas, de modo que os deslocamentos urbanos na capital mineira sejam nitidamente percebidos em distintas temporalidades sociais e históricas.

A pesquisa baseou-se no diálogo com textos produzidos por cientistas sociais, historiadores, literatos, geógrafos, urbanistas e arquitetos sobre cidades, centralidade urbana e modernidade. Como também, registros da imprensa sobre o cotidiano da cidade e dados informativos acerca da modernidade na capital mineira. Os critérios de escolha que sustentaram esse passo metodológico consideraram os recortes temporais mais significativos motivados por notícias referentes a Praça Sete, Pampulha e Savassi. Outra possibilidade encontrada foi pesquisar anúncios publicitários de jornais e revistas na intenção em fornecer dados relevantes sobre a articulação do discurso de modernidade, de requinte e de inovação aos estabelecimentos comerciais situados nas centralidades urbanas analisadas. Registros da modernidade também se encontram presentes em documentos oficiais como atas, ofícios e relatórios emitidos pelo poder público mineiro.

A consulta de fontes literárias e memorialísticas para investigar o conteúdo moderno e referencial outorgado às centralidades belo-horizontinas forneceram dados relevantes a pesquisa. As fontes literárias apresentam-se como uma das possibilidades de representação da realidade belo-horizontina. Diante disso, optou-se em selecionar os seguintes escritores: a) Cyro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava,

Rubem Braga e Djalma Andrade sobre as territorialidades da área central, até a década de 1930; b) Mário de Andrade, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, José Bento Teixeira Salles e Affonso Ávila, sobre a Pampulha nos anos 1940 e 1950; c) Roberto Drummond e André Rubião sobre a Savassi dos anos 1960 a 1980, acrescentando-se composições musicais de Pacífico Mascarenhas;

A ideia de centralidade é pautada como centro nodal, tanto na escala intraurbana quanto em relação ao conjunto de cidades articuladas em uma rede metropolitana ou regional (SPOSITO, 1998). Essa noção esteve presente na proto-história da cidade, no mundo clássico, na cidade medieval, como também orientou as utopias urbanas da cidade ideal renascentista e do pré-urbanismo dos séculos XVIII e XIX. Na atualidade, destacam-se as centralidades intraurbanas capitalistas.

Mas, sobretudo, a centralidade pode se estabelecer através de um conjunto de signos e significados que emitem valores e linguagens peculiares àquele espaço da urbe, organizando a vida urbana, não exclusivamente pela comunicação funcional com outros territórios, mas interagindo em representações. A centralidade oferece elementos icônicos e emblemáticos para a identidade urbana de uma cidade, compondo ela um panorama idealizado de reconhecimento (PESAVENTO, 2007). Afirma-se, portanto que a centralidade se define por ser a vitrine da cidade ao reproduzir, em sua paisagem urbana, valores simbólicos e representações culturais. Por sua vez, a cidade moderna pode ser vista a partir de suas centralidades. Desde então, a centralidade urbana pode ser classificada pelo: a) conteúdo social; b) integração com outras territorialidades da urbe; c) capacidade em oferecer serviços, informação, entretenimento e diversão; d) concentração de atividades econômicas; e) Atração de pessoas vindas de outras espacialidades urbanas; f) nível político-institucional, cultural, lazer; g) reprodução simbólica de valores referenciais a ela atribuídos.

Em relação aos valores referenciais da modernidade, a tese dialogou com Benjamin, Baudelaire, Berman, Giddens, Habermas, Harvey, e com as perspectivas da sociologia clássica (Marx, Weber, Durkheim, Simmel). Diante da complexidade em se estudar a modernidade, foram elencados os seguintes aspectos que mereceram prioridade na análise: culto ao novo, metas de progresso, racionalismo, autonomização do indivíduo, laicização, consumismo, especialização, interdependência funcional,

anonimato. As leituras sobre as cidades se entrelaçam às próprias delimitações acerca do moderno: lócus do capital econômico, político e cultural.

O ideário da modernidade – em suas manifestações urbanas caracterizadas por revoluções estéticas, arrojadas intervenções espaciais, integração das reformas urbanas a atividades econômicas rentáveis e valorização da perspectiva de progresso –, alcançou ressonância efetiva na cidade de Belo Horizonte. Tais postulados nortearam o planejamento e a construção desta urbe, mas também, se reproduziram e novas expressões ao longo do século XX. Frente a essas afirmativas investiga-se como a capital mineira se movimenta em sintonia com a perspectiva de modernidade periférica.

Em Belo Horizonte, como em outras grandes cidades da América Latina, os ideais de modernidade, que muitas vezes orientam os deslocamentos urbanos, nem sempre tem alcançado ou correspondido à dimensão universal e cidadã de progresso. Na maioria das vezes, o processo histórico de inserção da modernidade, sobretudo nos países da América Latina, pode ser mais bem enfocado considerando-se as peculiaridades da modernidade periférica. Na dinâmica da modernidade clássica as transformações caracterizam-se por rupturas estruturais na sociedade. Os processos de modernidade periférica, contudo, mesmo revestidos de aparência estética modernizadora tendem, não raramente, a conviver com práticas que revestem reformas conservadora com um visual moderno.

Pensar a cidade latino-americana é integrá-la ao paradigma mais amplo de modernidade periférica, isto é, itinerário modernizante de transformações econômicas, urbanas, estéticas e culturais. Um processo ocorrido nos países considerados periféricos, cujas mudanças se realizaram sem substanciais rupturas e de maneira geral, apresentou-se excludente ao ser conduzido pelo Estado e pelas elites políticas e econômicas. Desde então, “debater o moderno na América Latina é debater a cidade [...] a cidade é um produto criado como uma máquina para inventar a modernidade” (GORELIK, 1999).

Desde os finais do século XI, diante dos paradoxos decorrentes da Revolução Industrial, vários postulados foram elaborados nas principais cidades europeias para amenizar os efeitos negativos desencadeados pela urbanização. Exemplo ocorreu na Londres vitoriana dos anos 1880 que adotou iniciativas para resolver os problemas da moradia urbana e do adensamento populacional (SENNET, 2006; HALL, 2007).

Contudo, o melhor paradigma dessa orientação foi Paris. Nesta cidade, a administração do prefeito Haussmann promoveu uma verdadeira revolução urbana. Grandes avenidas e novas ruas largas e retas que indicavam o caminho positivista do progresso passaram a cortar o centro antigo da cidade. a construção da Torre Eiffel e do metrô também contribuíram para o novo visual e a nova dinâmica da metrópole. Os resquícios de uma cidade antes medieval foram substituídos por artefatos definidores de novos padrões de modernidade. Tal revolução fez com que Benjamin (1991) atribuísse à Paris um sentido simbólico de capital do século XIX. Os postulados racionalista, positivista e sanitarista também foram adotados por outras urbes europeias, a exemplo do que ocorreu em Berlim e Viena. Também o cenário norte-americano as iniciativas não foram diferentes daquelas promovidas pelos gestores públicos das cidades europeias. Nova York e Chicago foram as cidades que mais se destacaram nos Estados Unidos, na virada do século XX, por instituir planos e metas para regularizar e controlar a ocupação do espaço urbano, sem, contudo, abrir mão do embelezamento estético (HALL, 2007). Contudo, o ousado e inovador planejamento retilíneo da cidade de Washington concebida no final do século XVIII, foi aquele que mais se notabilizou como paradigma da utopia republicana e dos ideais racionalistas e higienistas aplicados ao espaço urbano.

Na América Latina, o culto à modernidade teve como principal impulsionador o poder público, inspirado em modelos urbanos empreendidos na Europa e nos Estados Unidos. As cidades argentinas La Plata e Buenos Aires identificam-se como exemplos emblemáticos de modernização urbana a partir das últimas décadas do século XIX. A primeira se destacou por ser construída sob a égide de moderno planejamento urbano, enquanto que a capital nacional da Argentina, Buenos Aires, apresentou-se como ícone de adoção de reformas sanitaristas e estéticas em seus espaços urbanos.

No caso brasileiro, o planejamento e a construção da cidade de Belo Horizonte e as reformas urbanas empreendidas na cidade do Rio de Janeiro destacaram-se como exemplos paradigmáticos de modernização urbana associadas aos ideais republicanos. Assim como Buenos Aires, o Rio de Janeiro, capital federal do Brasil, foi submetido a alterações morfológicas em virtude do discurso regenerador proferido pelo seu prefeito Pereira Passos (1902-1906). Sanear e embelezar eram imperativos apontados como

condições necessárias para o progresso da urbe. O centro da cidade foi completamente reformulado de modo a ampliar a capacidade de circulação urbana e estimular o desenvolvimento material da capital republicana.

Belo Horizonte não fugiu deste modelo. Foi planejada pelo poder público segundo o receituário positivista de progresso, em uma conjuntura de importação de um modelo urbanístico, que priorizava o saneamento urbano e a estratificação social. A cidade foi totalmente construída como La Plata e não apenas reformada como Buenos Aires e Rio de Janeiro. Nasceu para ostentar o título de primeira cidade brasileira construída pela República.

A primeira centralidade urbana analisada refere-se ao que aqui foi denominada de ‘rota da modernidade’, isto é, o itinerário percorrido que se inicia na Praça Sete, seguindo pela Avenida Afonso Pena, desviando-se pela Rua da Bahia que, por sua vez, irá terminar na Praça da Liberdade. Essa territorialidade urbana pode ser considerada a primeira centralidade moderna belo-horizontina no período de 1894 até finais da década de 1930. Resultante de planejamento técnico, zonas delimitadas e forte exclusão social, esta região recebeu prioridades do poder público que resultou em grande atrativo aos setores privados em ali se estabelecer. Diante disso, a ela foi atribuída intensa carga simbólica e investimentos materiais para caracterizá-la de uma centralidade moderna: racionalismo espacial, arquitetura, circulação, fluxo de pessoas, concentração de atividade e de serviços, novas formas de sociabilidade (cinema, cafés, *footing*), sede do poder estadual.

Os veículos da imprensa escrita das primeiras décadas do século XX realçavam o viés moderno da nova capital mineira. Vale destacar que a maioria desses jornais sintonizava-se às elites políticas do partido republicano, responsáveis pela idealização, planejamento e construção da nova capital mineira:

Colossal empreendimento [...] novos horizontes vem abrir ao progresso mineiro [...] a futura capital para o coração da república, resultado assombroso no limitadíssimo período de 4 anos (A CAPITAL, 12.12.1897).

Belo Horizonte é positivamente um dos trechos de maior fertilidade intelectual do solo pátrio (MINAS GERAIS, 12.12.1907).

O antigo e minúsculo arraial foi transformado em uma das maiores e mais prósperas capitais do Brasil (DIÁRIO DE MINAS, 12.12.1917).

Hoje a cidade tem seu quarteirão de bancos, os estabelecimentos de crédito se multiplicam e se desenvolvem. Nas ruas e avenidas, mais de 1000 automóveis põem a nota do progresso, e cantam pela voz das suas sirenes, o hino da velocidade e da vertigem (DIÁRIO DE MINAS, 12.12.1927).

Cidade das montanhas! Completaste a doze deste mês, mais um aniversário: trigésimo nono. Eis o atestado da serena cultura, força e pujante e ardente fé do povo montanhês (REVISTA BELO HORIZONTE, dez. 1936).

Além das manchetes e reportagens que enalteciam o caráter moderno da capital mineira, os jornais divulgavam anúncios do segmento privado que reafirmavam a narrativa de modernidade traduzida pelo requinte, pela inovação e pelo *glamour*. Os estabelecimentos comerciais –, situados ao longo do trajeto entre a Praça Sete até a Praça da Liberdade –, aproveitavam-se de privilegiada localização para atrair um público diferenciado e elitista, ao reproduzir discursos propagandísticos em sintonia com a modernidade periférica. Utilizando-se de nomes, frases e expressões estrangeiras para denominar os nomes das lojas e estabelecimentos, classificar seus produtos e mercadorias e convencer que a frequência àquela espacialidade tornava o consumidor uma pessoa diferenciada e de bom gosto. Diante dos anúncios publicitários publicados nas primeiras décadas do século XX, alguns são aqui elencados para ilustrar que a rota da modernidade atribuída à Praça Sete, Avenida Afonso Pena e Rua da Bahia se justificava pela atração comercial, de serviços oferecidos, pelo lazer, pelo entretenimento e, acima de tudo, pelo fato da reprodução de narrativas voltadas ao requinte, ao novo e à sofisticação, fazendo dessa centralidade uma vitrine da cidade de Belo Horizonte.

Casa London  
Especialidade em artigos para homens: perfumaria, chapéus, calçados;  
Bengalas e objetos de arte  
Rua da Bahia, 884 (A CAPITAL, 1913)

Alfaiataria Progresso  
Praça Sete, 673 (REVISTA TANK, 1919)

Casa Falci  
Importadores de ferragens, tintas e vernizes  
Cimento, tubos de ferro, canos de chumbo e manilhas.  
Avenida Afonso Pena 520 (A CAPITAL, 1924)

Sebastião Cardoso

Superiores casemiras inglesas e nacionais. Alfaiataria de 1ª ordem.  
Elegância, superioridade em obras de luxo (JORNAL CARNAVAL, 1924).

As joias fazem as pessoas distintas.  
Elas são um adorno indispensável principalmente para as senhoras.  
É mister entretanto saber compra-las.  
Na Joalheria Padua é onde Vossa Senhoria pode encontrar o que há de  
Mais distinto, pelos preços mais amáveis.  
Bahia 868 (O HORIZONTE, 1933)

Príncipe de Galles, o chapéu da moda só na Casa Áurea  
Avenida Afonso Pena, 592 (FOLHA DE MINAS, 1934)

A sorveteria mais chique, mais elegante; onde a fina flor de BH aflui.  
Sorveteria Trianon  
Bahia, 911 (FOOTING, 1935)

Praça Sete, Rua da Bahia, Avenida Afonso Pena, Praça da Liberdade são territorialidades urbanas, referenciadas simbolicamente pelo moderno e frequentadas por escritores modernistas nas décadas de 1920 e 1930. Narrativas urbanas pensadas pela representação dos praticantes usuais da cidade e não pelo olhar totalizador de arquitetos, urbanistas, acadêmicos. A partir das vivências e experiências em torno do urbano de jovens escritores modernistas Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos e Pedro Nava, algumas passagens são destacadas que reafirmam a narrativa da modernidade atribuída pela região central da cidade de Belo Horizonte:

A soberba Rua da Bahia (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Jardim da Praça da Liberdade. Versalhes entre bondes (C.D.ANDRADE)

Já me imaginava nos bares, aturdido pelo corre-corre dos garçons, já subia a Rua da Bahia com os companheiros, já me incorporava ao footing da Praça da Liberdade (CYRO DOS ANJOS).

Dali, de quem atravessa a Rua da Bahia, pisa no trecho mais importante de Belo Horizonte (PEDRO NAVA).

Pode-se alegar que a Praça Sete assumiu o protagonismo exclusivo em ser vitrine da cidade de Belo Horizonte até os anos 1930. A partir dos anos 1940 até a década de 1950, outra espacialidade da capital mineira passou a dividir esse atributo de centralidade moderna com a região central: a Pampulha.

O complexo arquitetônico, paisagístico e artístico no entorno da lagoa foi um empreendimento da gestão municipal do prefeito Juscelino Kubitschek que contou com jovens artistas sintonizados com a modernidade: Cândido Portinari, Burle Marx e Oscar Niemeyer. A Pampulha, durante as décadas de 1940 e 1950, passou a figurar como a mais importante referência da modernidade no espaço urbano belo-horizontino. Anteriormente, tal título foi reservado, exclusivamente, às praças Sete e da Liberdade, incluindo rotas adjacentes, como, por exemplo, a Rua da Bahia.

Ao romper paradigmas do tecnicismo acadêmico, a Pampulha foi o resultado da combinação e contribuição de vários campos cognitivos e artísticos, como arquitetura, pintura, escultura, paisagismo e engenharia, reafirmando a característica da modernidade de buscar a convivência de várias tendências e paradigmas. A representação simbólica de que foi revestida a Pampulha, possibilitou que a cidade de Belo Horizonte se aproximasse do mundo artístico internacional sem fronteiras, trazendo para sua sociedade uma sensação de cosmopolitismo. Mesclar sedução, sonho e segregação: condições inerentes à modernidade (CEDRO, 2009, p.123)

Aqui vale destacar que o conceito trabalhado de centralidade não se refere exclusivamente pela perspectiva geográfica ou centro financeiro, administrativo e comercial de uma cidade. Fosse assim, a Pampulha não se enquadraria nessa ideia, tendo em vista sua distância da região central e por não ser um polo comercial. A Pampulha pode ser considerada uma centralidade moderna por ser tornar a vitrine da capital mineira ao reproduzir as narrativas de inovação, requinte e glamour, sintonizadas aos discursos elitistas no plano nacional e internacional. Nesse sentido, atraiu atividades ligadas ao entretenimento de parte da sociedade belo-horizontina; seduziu diferentes segmentos sociais para sua visita ou frequência mais assídua; apresentou-se como ícone da modernidade, inclusive obtendo reconhecimento internacional no quesito da arquitetura e das artes plásticas; tornou-se lugar referencial da moda, da gastronomia e parada obrigatória para renomadas atrações musicais; estimulou hábitos cosmopolitas, despertou novas aspirações e opções de sociabilidade e de moradia.

A terceira centralidade moderna trabalhada nesta pesquisa é a região da Savassi durante os anos 1960 até 1980. A qualificação da Savassi como espacialidade urbana moderna apresenta nuances significativas em relação à Praça Sete e à Pampulha, ambas as centralidades se formaram para atender aos objetivos preestabelecidos pelo poder

público. A Savassi, diferentemente, teve em estratos da sociedade belo-horizontina seus principais atores sociais para se constituir como centralidade moderna da capital mineira a partir da década de 1960.

A Savassi se originou através do bairro dos Funcionários, projetado como espaço destinado para moradia de servidores públicos e parte da elite belo-horizontina. Até metade do século XX, essa área conservou-se, em sua maior parte, como reduto residencial, exceto pela existência de alguns investimentos privados na Praça Diogo de Vasconcelos. Essas iniciativas pontuais foram acrescidas por outros empreendimentos voltados para o comércio e para o lazer, fato que contribuiu para a autonomização da Savassi. Em 1991, a região foi oficialmente reconhecida pelo poder público e no ano de 2009, transformada definitivamente em bairro da capital mineira. A Savassi destacou-se como *point* do consumo, do entretenimento e por oferecer serviços considerados inovadores, Padaria Savassi, Drogaria São Félix, Supermercado Serve Bem, Cine Pathé, Escola de Arquitetura, foram os primeiros empreendimentos que modernizaram a região, ao atraírem para si frequentadores de outras áreas da cidade. Outros estabelecimentos a eles se somaram. Sobretudo butiques, magazines, cafeterias, bares, restaurantes, boates, livrarias, instituições financeiras, perfumarias e outras diversificadas casas comerciais, que contribuíram para que a Savassi se tornasse o polo da moda, do lazer e de modernos serviços, ao atingir uma abastada clientela que buscava requinte, elegância e sofisticação.

O anúncio publicitário abaixo bem ilustra o que foi afirmado:

Tem mais graça comprar na Savassi.  
Porque tudo é mais bonito na Savassi.  
E, principalmente porque a Savassi transfere o seu charme para as pessoas que ali frequentam.  
A Savassi está mais perto de você.  
A Savassi tem de tudo.  
Savassi: charmosa, bonita e gostosa.  
(Revista Comércio, Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais, 1979).

A Savassi destacou-se por seus espaços de sociabilidade. Locais de encontro que eram apropriados por estudantes, músicos, artistas, *flâneurs*, literatos, elementos de comportamentos transgressores e estigmatizados, pessoas descoladas etc. Nesse sentido,

o escritor Roberto Drummond utilizou ao longo de sua obra, espaços da urbe belo-horizontina como cenário de tramas de seus romances e contos e deslocamento de seus personagens. Frequentador da Savassi, comparou os percursos naquela centralidade com a *flanérie* de Baudelaire:

Savassiar é entrar numa das livrarias, e ficar lá, sem obrigação de comprar, folheando livros e lendo orelhas [...] Savassiar é tomar cafezinho em pé. Savassiar é ir e vir, sem compromisso com nada, a não ser com a falta de compromisso. Isso: a Savassi nos pede uma total falta de compromisso. E pede total liberdade.

(Roberto Drummond, Jornal Hoje em Dia, 1996)

Por ser uma comunicação oral e seu respectivo registro nos anais do 30º Simpósio Nacional de História, certamente pontuou-se aqui uma breve apresentação dos principais pontos da proposta pesquisada. A análise aprofundada do deslocamento das centralidades modernas da capital mineira ao longo do século XX encontra-se na tese completa convertida em livro publicado.

Porém, pode-se concluir que as centralidades belo-horizontinas examinadas nesta pesquisa apresentaram em comum: forte carga material e simbólica que afirmou a condição de centralidade moderna dessas áreas da urbe; intervenções urbanísticas e investimentos realizados por atores políticos e sociais; reprodução de narrativas alinhadas aos princípios da modernidade periférica; traços que evidenciam a condição móvel das cidades mediante o deslocamento dessas centralidades urbanas em distintas temporalidades, a partir de significados e representações a elas atribuídos por diversos agentes.

### **Referências bibliográficas**

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In.: KOTHE, Flávio (org.). **Walter Benjamin**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991, p.30-43 (Coleção grandes cientistas sociais;50).

CEDRO, Marcelo. **JK desperta BH (1940-45)**: a capital de Minas Gerais na trilha da modernização. São Paulo: Annablume, 2009.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio pela heresia, de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GORELIK, Adrian. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In.: MIRANDA, Wander Melo. **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.55-80.

HABERMAS, Jürgen. **Discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã**: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX. São Paulo: Perspectiva, 2007.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. **Nuevo Mundo – Mundos Nuevos**, v. 7, 2007. Disponível em <http://nevo-mundo.revues.org/index3212.html>. Acesso em 20.06.2016.

SENNET, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a civilização ocidental. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n.4, p.27-37, jan.-jul., 1998.